

V. 267, 1, 2 n. 28

Theatro Moderno

LUSO-BRAZILEIRO

Collecção de comedias, dramas e scenas-co:



N. 152

MORREU O MEU CADAVER

Comedia original em um acto

A VENDA

Na livraria de Cruz Coutinho

76 RUA DE S. JOSÉ 76

1884

VENDA NA LIVRARIA DE CRUZ COUTINHO

76 Rua de S. José 76

Theatro Moderno Luzo-Brazileiro

Collecção de comedias, dramas e scenas-comicas

- | | |
|---|---|
| 1 <i>Como os anjos se ringão</i> , d. em 1 a. C. C. Branco, 1\$000. | 21 <i>Uma criada impagavel</i> , comedia em 1 acto, 640. |
| 2 <i>Embrulhadas de amor</i> , e. em 1 acto 640. | 22 <i>Os dous ou o inglez machinista</i> , e. em 1 a. de Penna, 1\$000. |
| 3 <i>O Dr. Cirama</i> , e. em 2 a. 1\$000. | 23 <i>Um quarto com duas camas</i> , e. em 1 a. de Bastos, 500. |
| 4 <i>O diabo a quatro n'uma hospedaria</i> , e. em 1 a. 1\$000. | 24 <i>Quasi que se pegão</i> , (por um triz), comedia em 1 acto 640. |
| 5 <i>Cegueira ou bebedeira?</i> s. c. 500. | 25 <i>Amor e honra</i> , drama original em 2 actos 1\$000. |
| 6 <i>Um marido que é victima das modas</i> , e. em 1 a. 1\$000. | 26 <i>Perdão d'acto em perspectiva</i> , e. em 1 acto 1\$000. |
| 7 <i>Ah! como eu sou besta!</i> por F. C. Vasques, 500. | 27 <i>Os dous inseparaveis</i> , e. em 1 a. 640. |
| 8 <i>Um par de mortes ou a vida de um par</i> , calembourg em 1 a. 1\$. | 28 <i>Judas em sabbado de alcuia</i> , e. em 1 acto de Penna, 1\$000. |
| 9 <i>O diabo no Rio de Janeiro</i> , s. c. de F. C. Vasques, 500. | 29 <i>O juiz de paz da roça</i> , comedia em 1 a. de Penna, 1\$000. |
| 10 <i>O Sr. Domingos fóra do sério!!!</i> s. c. de C. Vasques, 500. | 30 <i>Rocambole no Rio de Janeiro</i> , s. c. de Vasques, 500. |
| 11 <i>Meia hora de cynismo</i> , e. em 1 a. de Franca Junior, 1\$000. | 31 <i>Os dois pescadores</i> , e. em 1 a. 640. |
| 12 <i>As duas bengalas</i> , e. em 1 a. 1\$. | 32 <i>O circiuro de frei Anselmo</i> , e. em 1 a. 1\$000 |
| 13 <i>Dous genios iguaes não fazem ligã</i> , e. em 1 a. 1\$000. | 33 <i>Effeitos do vinho novo</i> , s. c. 500. |
| 14 <i>A afilhada do barão</i> , e. em 2 a. de Mendes Leal, 1\$500. | 34 <i>Como se perde um noivo</i> , comedia em 1 a. 640. |
| 15 <i>O menino Monclar</i> , s. c. de F. C. Vasques, 500. | 35 <i>Um devoto de Baccho</i> , s. c. de F. X. de Novaes, 500. |
| 16 <i>O diabo atraz da porta</i> , comedia em 1 a. 640. | 36 <i>Casar ou metter fzeira</i> , e. em 1 a. de L. Mendonca, 640. |
| 17 <i>Ratões da época</i> , e. em 1 a. 640. | 37 <i>Affronta por affronta</i> , d. em 4 a. de L. Mendonca, 1\$000. |
| 18 <i>A espadellada</i> , e. em 1 a. de Costa Lima, 1\$000. | 38 <i>A bengala</i> , s. c. de E. G. 500. |
| 19 <i>As pitadas do velho Cosme</i> s. c. de F. C. Vasques, 500. | 39 <i>A familia e a festa na roça</i> , e. em 1 a. de Penna, 1\$000. |
| 20 <i>Os namorados da Julia</i> , s. c. de F. C. Vasques, 500. | |

MORREU
O
MEU CADAVER!

Comedia original em um acto

DE

Candido Abilitão de Souza Teiva

Representada pela primeira vez com geral applauso a 10
de novembro de 1883, no theatro de Villa-Isabel.



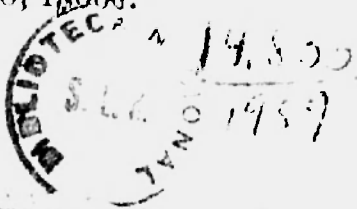
RIO DE JANEIRO
Livraria de Cruz Coutinho. — Editor

76 RUA DE S. JOSÉ N. 76

1884

A' VENDA NA LIVRARIA DE CRUZ COUTINHO

- 40 *O actor*, s. c. de F. X. de Novaes, 400.
- 41 *O beberrão*, s. c. de F. C. Vasques, 500.
- 42 *O Sr. Anselmo apaixonado pelo Aleazar*, de Vasques, 500.
- 43 *Justiça*, drama em 2 a. de Camillo Castello Branco, 18000.
- 44 *O amigo Banana, mais ratões do amigo Banana*, s. c. 500.
- 45 *Um por outro*, c. em 2 actos de M. H. Pires Ferrão, 18500.
- 46 *Cerração no mar*, s. c. 400.
- 47 *Fui vêr a grã-duqueza*, 500.
- 48 *Dominus-tecum*, c. em 1 a. 610.
- 49 *Tchang-Tching-Bung*, 1 a. 18000.
- 50 *Por causa de um algarismo*, c. original em 1 acto, 18000.
- 51 *Tio Torquato*, c. em 1 a. 18000.
- 52 *Um leão de casaca*, s. c. 400.
- 53 *A costureira*, c. em 1 a. 18000.
- 54 *Os dois mineiros na côrte*, comedia em 1 acto, 18000.
- 55 *De noite todos os gatos são pardos* comedia em 1 acto, 18000.
- 56 *O amante das harmonias*, scena comica, 500.
- 57 *O empregario ambulante*, scena comica, 500.
- 58 *O Sr. Bento dos Pontinhos*, scena comica, 500.
- 59 *Um alho*, scena comica, 500.
- 60 *O Fausto*, dram. f. em 4 a. 18.
- 61 *O Orphêo na roça*, d. em 4 a. 18.
- 62 *Dous proveitos em um sacco*, comedia em 1 acto, 18000.
- 63 *Emquanto o diabo esfrega um olho*, c. em 1 a. do Dr. A. de Castro, 18000.
- 64 *Uma mulher por duas horas*, comedia em 1 acto, 18000.
- 65 *Resomnar sem dormir*, c. 1 a. 610.
- 66 *Bernardo na lua*, f. em 1 a. 18.
- 67 *O anão e o corcunda*, f. em 1 a. de J. F. da Cruz, 18000.
- 68 *Por um oculo*, c. em 1 acto do Dr. A. de Castro, 18000.
- 69 *Os dois surdos*, c. em 1 a. 18000.
- 70 *Uma experiencia !...* c. 1 a. 18.
- 71 *Aguentem-se no balanço*, s. c. de Vasques, 500.
- 72 *Variações de flauta*, scena comica de Vasques, 500.
- 73 *O fim do anno por um vendedor de vigesimos*, s. c. de Vasq, 500.
- 74 *Comi o meu amigo*, c. em 1 a. por Martins, 18000.
- 75 *Morrer por ter dinheiro*, c. em 1 acto 18000.
- 76 *O Vasques em Marambomba*, c. em 1 acto, 18000.
- 77 *Atribuições de um estudante*, c. em 1 a. e *uma actriz no prégo*, s. c. 18000.
- 78 *Entrei para o club Jacome*, c. em 1 a. de Franca Junior, 18000.
- 79 *A' cata do Manel*, entre-acto comico, 500.
- 80 *O defensor da classe caireiral*, s. c. do actor Martins, 500.
- 81 *A namoradeira*, s. c. 500.
- 82 *Os dois candidatos*, c. em 1 a. 18.
- 83 *O hollandez ou pagar o mal que não fez*, f. 1 a., 18000.
- 84 *O artista*, drama em 1 acto 6 homens, 18000.
- 85 *Esperteza de rato*, c. 1 a. — *Amanhá con pedil-a*, s. c. 18000.
- 86 *Nhó-Quim*, c. 1 a. e *Aventuras do Sr. Ventura*, s. c. 18000.



MORREU O MEU CADAVER!

PERSONAGENS

AUGUSTO LEMOS, empregado publico,
em apertos do dia 15, 40 annos. . . . Sr. Guilherme
MARGARIDA, sua filha, 16 annos. . . . D. Eugénia.
ZACARIAS, moleque... como muitos. . . Sr. Candido.
Dr. JOSÉ PAULINO, supposto cadaver. . . Sr. Pedrosa.
SIMPLICIO SIMPLICIDADE SIMPLORIO
DOS SIMPLES, tapaz estroina Sr. João Fontes

A accção passa-se no Rio de Janeiro — Actualidade.

Acto unico

A scena representa uma casa regularmente mobiliada: ao fundo, porta que dá para a rua, a esquerda, baixa, quarto de Margarida, a direita, interior da casa.

Scena I

MARGARIDA e ZACARIAS

Margarida ao levantar o punho está sentada no sofá e conversa com Zacarias

MARGARIDA. — Não sei porque, Zacarias, o papá tem andado estes dias tão assustado: nunca o vi assim e até mette-me medo. Quando a mamã morreu elle não ficou assim.

ZACARIAS. — Parece-me que o homem tem o diabo no corpo, sinhá moça: se elle se quizesse *benzê* com os barbadinhos? Ainda sinhá não vio tudo: ás vezes elle está sentado, eu venho trazer-lhe o jornal e o *sinhô* dá um pulo, murmurando palavras que eu não entendo, tenho até visto *sinhô* levantar-se alta noite.

MARGARIDA.— E eu tenho notado que elle estes ultimos mezes pouca cousa tem comprado para mim, dizendo que o dinheiro é pouco, e que não lhe peça dinheiro do dia 15 em diante.

ZACARIAS.— E' que, sinhá moça, os empregados publicos do dia quinze em diante estão *tinindo*; o *sinhô* me alugou o anno passado na casa de um, e eu via que sempre era tempo perdido os credores irem cobrar do dia quinze em diante; no dia primeiro sim, ahi é que era dia grande, havia em casa presunto, vinho e tudo de encher o olho, mas passando o dia quinze, sinhá moça Margarida, estava tudo chato, o patrão dizia que estava com umas dôres por aqui (*passa as mãos nos bolsos*). Pobre homem! E ainda assim eu gostava delle, lembrava-me do dia primeiro.

MARGARIDA.— Mas isto não explica cousa alguma. Dê-me elle o que eu precisar no principio de cada mez e depois não me dê nada, que eu pouco me importa; o que eu agora não quero é ver as outras meninas da minha idade sahirem mais bem vestidas do que eu, não tendo o pai onde cahir morto.

ZACARIAS.— Pôde dizer mesmo, onde cahir vivo, sinhá; por exemplo: o seu commendador que mora alli *adiante* deve ao taverneiro 300\$000, e no entanto sustenta Lyrico, bailes, *triatas*. Eu não gosto de *fallá* da vida alheia, sinhásinha Margarida, mas é que elles me obrigão.

MARGARIDA.— Lyrico! uma cousa que eu tenho tanta vontade de ir, tenho que me sujeitar a tocar as peças no piano; mas assim que eu casar-me

com o Paulino, a cousa ha de ser outra, porque eu logo o vou pondo a meu geito.

ZACARIAS.— Ah, sinhásinha, não seja molle, mostre o que é: mostre que é filha de seu pai: é preciso não desmentir a raça.

MARGARIDA.— O que, patife? Raça? Veja lá com quem falla... Mas a culpa é minha em te dar confiança, estou feita a Mariquinhas que faz do moleque onze letras e depois quer que elle tenha respeito, o Tobias; tu conheces, não?

ZACARIAS.— Ora se conheço, mas elle não tem geito para isto, tem muitas vezes dado com a lingua nos dentes: se fôsse commigo, sinhásinha, eu affianço que o *sinhô* velho nunca havia de saber, porque eu tenho muito geito para isto. Quando sinhásinha quizer é só *dizer*.

MARGARIDA.— Dispensó os seus serviços. Quando o papá vier, faça o favor de me ir chamar, está ouvindo, meu pateta? Veja se é preciso eu lembrar-te quando vir papá ali para você ir me chamar, ouvió? *(Sae.)*

ZACARIAS.— Lá vae ella: aquillo em o pai vindo vae passar-lhe descompostura *oh! tempo, oh! mordes*. Isto é latim.

Scena II

ZACARIAS e LEMOS

LEMOS.— *Entra pelo fundo, assustado e cendo o culto.* E' elle... Não ha que duvidar... Maldita raça... Querem me desgraçar! a todo o momento aquel-

le maldito me persegue, por mais que eu lhe diga que fica para outra vez, o homem não quer, quer agora... Agora é impossível.

ZACARIAS. — Lá isso é verdade, agora é impossível mesmo.

LE MOS. — (*Dando com Zacarias, sem conhecê-lo, correndo para o outro lado.*) Eu sei que o senhor é muito bom homem, e que espera até para o mez. Eu prometto pagar-lhe até com juros. Olhe, deixe de me andar perseguindo pela rua, isto é uma vergonha para mim, eu que sou um empregado publico...

ZACARIAS. — O' *sinhô*, o que é isto?... Não precisa se *assustá*, olhe, dê o que o *sinhô* quizer dá, nos domingos, a mim, mas eu não imponho.

LE MOS. — Ah! eras tu, moleque? O que é que queres?... Ah! se tu soubesses o que me tem acontecido, meu rapaz... Rapaz, não, moleque: eu já me estava enternecendo demais... Eu vou te contar a causa do meu susto: ando perseguido (*mysterioso*) por um cadaver.

ZACARIAS. — (*Gritando e benzendo-se.*) — Jesus, valei-me! Jesus, valei-me! Pois os *defuntos*, depois de mortos, não podem ficar lá no inferno? Hão de vir bolir cá com os vivos... Até os defuntos neste paiz não ficão quietos.

LE MOS. — (*Sempre mysterioso.*) E estes são dos peiores que existem, Zacarias: cuidado, se elle vier aqui e quizer entrar, não consintas; senão, tu seras a causa da minha morte... Olha, Zacarias, se eu visse este meu *cadaver* morto, palavra de honra, que dava uma perna ao diabo.

ZACARIAS. — Não dê, não, *sinhô*, que então o *sinhô* tem que usar de moletas *(á parte)* e é mais trabalho para mim. *(Alto.)* Pois, *sinhô*, não ha um meio de *sinhô* se ver livre deste cadaver?

LE MOS. — Ha, mas eu não tenho dinheiro, como hei de me ver livre? Se eu ao menos tivesse algum.

ZACARIAS. — Até os defuntos gostão de dinheiro, heim, *sinhô*, em que paiz nós estamos! Oh, *sinhô*, se nós não lhe dêmos dinheiro, o que é que elle nos faz?

LE MOS. — Nem tu imaginas, rapaz, como elles são desafortados, são quasi sempre homens sem educação, e se algum a teve boa, perde-a quando se torna cadaver.

ZACARIAS. — *(Á parte.)* Estes defuntos são bem malcriados; mas para que o bispo não manda lá para o purgatorio um mestre de escola, ao menos elles tornavão mais bem educados. *(Alto.)* E daquelles, *sinhô*, que quando ensinão taboada aos meninos tambem os ensina a *cantá.* *(Cantando.)* 4 vezes 5 vinte nozes fóra dois. Não acha, *sinhô*? Ao menos elles sabião cantar e multiplicar.

LE MOS. — Cantar e multiplicar sabem elles bem; diminuir é que elles não sabem, e cantão com uma perfeição que faz gosto.

ZACARIAS. — Lá isto é o menos: arranja-se um professor que ensine a diminuir.... Mas, *sinhô*, os professores morrem morri-lo para que não lhe ensinão a diminuir?

LE MOS. — *(Sem a ter comprehendi-lo bem.)* Os que morrem ensinão-lhes a diminuir as contas, mas elles não, perdem nada porque augmentão nas dos outros.

ZACARIAS. — (*A parte.*) Sempre são uns tratantes os taes senhores *defuntos mortos*. Mas como elles cantão, eu sempre tinha vontade de os ver por um momento. (*Alto.*) *O' sinhô*, hoje não vem cá algum defunto?

LE MOS. — Cadaver, vem, sim, talvez: mas tu digas que não estou em casa, que fui para fóra, que morri, mas não me vá chamar.

ZACARIAS. — Mas como são estes cadaveres, *sinhô*; são esqueletos ou andão assim como nós?

LE MOS. — Esqueletos, dizes tu! Pelo contrario, andão assim como nós os taes credores; olha, eu vou para meu quarto e se alguém vier procurar por mim, digas o que já disse: *saia*.

ZACARIAS. — Ora, os taes cadaveres. Tambem foi cousa de que nunca tive medo, foi de almas do outro mundo.

SCENA III

ZACARIAS e Dr. JOSÉ PAULINO

PAULINO. — (*Do fundo.*) Não está em casa o Sr. Augusto Lemos, empregado publico?... Tambem sei que é uma asneira perguntar, porque sei que está em casa (*senta-se.*) Va annunciar-lhe o Sr. Dr. José Paulino, medico; aqui tem o meu cartão. *Dê-lhe um cartão.* Leve-o e diga que preciso fallar-lhe, anda.

ZACARIAS. — (*A parte.*) E' este o cadaver do *sinhô*, não ha que ver: até já sabe que elle está em casa, mas eu vou perguntar-lhe se elle sabe cantar. (*Alto e tremendo.*) O senhor me diga uma cousa, mas não tome a mal... Eu queria saber... Mas não é por

curiosidade... Su queria saber simplesmente por saber... se o *sinhô* canta... ?

PAULINO. — *(A parte.)* Talvez a Margarida goste de musica e queira para noivo um homem que canta: eu estou nestas condições. *Alto.* Canto, sim, meu rapaz, e muito bem, canto até em todos os tons: em tenor, em barytono, em soprano, em meio dito, em contralto e etc...

ZACARIAS. — *(A parte assustado.)* O homem até canta em meio dito: em etc: em tenor: é cadaver, não ha que ver! vou *dizer* que o *sinhô* foi para fóra. *Alto.* O *sinhô* disse que eu dissesse ao *sinhô* que elle tinha morrido.

PAULINO. — Ou você o vae chamar, ou então eu não te largo hoje: anda, aqui tem dois mil réis. *Diz-lhe um e lá.* Anda, vae depressa.

ZACARIAS. — Então isto agora é outra cusa, vou direitinho chamar o *sinhô* e *lerá* o seu cartão de visita: o *sinhô* ha de *castá* a vir. *(A parte.)* Não pôde ser um cadaver, pois se elle me dá dinheiro... Vou perguntar se elle sabe multiplicar. *Alto.)* O *sinhô* sabe multiplicar?

PAULINO. — Ora, que pergunta: para mim não ha outra conta, detesto a conta de diminuir.

ZACARIAS. — *(A parte.)* É cadaver, não ha que ver, mas entenda-se com o *sinhô*, eu vou chamal-o.

SCENA III

PAULINO. — Não. Irra! que não sei o que diabo possa eu ter com este homem, fuge de mim como o diabo da cruz: todas as vezes que me encontro com

elle na rua e dirijo-me para travar relações com o homem, elle dá ás de villa Diogo... Hoje estou mais resolvido, não saio d'aqui, quero lhe pedir a filha em casamento, e o pedido ha de ser feito em quatro palavras, senão o homem foge... Mas eu não me julgo tão feio, que faça fugir um homem; se ainda fôsse uma moça estava desculpado... A Margarida me convém, porque não tem mãe... Se eu ao menos a visse... Não me engano, ahí vem ella.

Scena V

PAULINO e MARGARIDA

MARGARIDA.— Ah! O que vejo: tu aqui, Paulino? O que vens fazer? Anda, falla, responde-me.

PAULINO.— Logo saberás: é uma surpresa.

MARGARIDA.— Já sei: vens pedir-me a meu pai em casamento. (*Triste.*) Mas escolheste máo dia: o papá não sei o que tem, anda só assustado.

PAULINO.— Isto eu tambem tenho reparado, e é commigo; assim que elle me vê, enterra o chapéo até os olhos, e pernas para que te quero eu.

MARGARIDA.— Já sei o resto, é que estás hoje resolvido, aconteça o que acontecer, a pedir a minha mão a meu pai: mas se tu pudesses vir outro dia...

PAULINO.— Isto não póde ser, não saio d'aqui sem o Sr. Augusto Lemos me dar uma explicação: elle não tem direito de me recusar a sua mão: sou um homem formado e tenho, alguma cousa... Elle não sabe com quem se mette.

MARGARIDA.— Mas tu, Paulino, para que não es-

colheste outro dia. Espera que papá esteja melhor, senão elle não te concede a minha mão, nem hoje, nem nunca : anda, vae-te embora, sou eu quem te pede.

PAULINO. — Nunca, já d'aqui não saio, ainda que elle venha armado dos pés á cabeça, e dispensarei os cumprimentos, para mais depressa chegarmos á ordem do dia.

Scena VI

MARGARIDA, PAULINO, ZACARIAS e LEMOS

LEMOS. — *(Bairo a Zacarias.)* Trouxeste a faca, olha que é só para assustar, se eu não entrar em ajuste com elle. *(Alto.)* Sr. Pedro, V. Ex. deve me desculpar, porque o senhor bem sabe que os tempos estão muito bicudos. O ministerio cahio...

MARGARIDA. — Mas, papá, elle não tem nada com isto, elle não quer saber se o ministerio cahio. *(Bairo a Paulino.)* Atire-se, que eu já o estou achando meio enternecido : ande, não seja bôbo.

ZACARIAS. — Oh! *sinhô*, elle não é tão maleriado, assim *(á parte)*, e eu pensei que os defuntos não voltavão a este mundo : este está com cara de quem morreu de febre amarella.

LEMOS. — Que elle não quer saber d'isto, sei eu muito bem, elle... *(á parte)* o marreco o que quer é o dinheiro.

ZACARIAS. — Oh! *sinhô*, eu posso ir lá para dentro *(á parte)*, eu aqui já não estou muito bem, se este defunto lembra-se de fazer-me alguma.

PAULINO. — Sr. Lemos, eu quero lhe poupar o sasto, não quero mais assustal-o, por isso vou direito ao fim. O senhor sabe...

LE MOS. — *(Assustado.)* Sei tudo, senhor, esensado é ir adiante, mas poupe-me a vergonha diante da minha filha.

ZACARIAS. — Sr. defunto, sei mais bem criado, vá ao menos aprender a dialogar, porque não sei se sabe. eu não tenho medo.

PAULINO. — *(Avançando.)* Oh! moleque.

ZACARIAS. — *(Escondendo-se atraz de Lemos.)* Sinhô, me acuda que elle me mata!

MARGARIDA. — Mas o que é isto, agora não é só o papá, é tambem o Zacarias. Ora! onde estou eu mettida, o que não dião as pessoas que vierem à nossa casa: o papá parece que está soffrendo. *(Indica a testa.)*

LE MOS. — *(V parte.)* Estou soffrendo, mas é dos bolses, já lhe devo duzentos mil réis, e não sei como pagar-lhe, se ao menos achasse quem me emprestasse dinheiro para pagar a este credor. *(Alto)* Está bom, meu amigo, fica para outra vez: vá descansado, que quando o senhor vier cá outro dia, eu lhe dou com toda a certeza. Mas, pelo amor de Deos não me persiga mais.

PAULINO. — *(Que o tem contemplado. V parte.)* Pobre homem! que desgasto terá elle! *(Alto.)* Eu a levarei, para outra vez, mas fica já feito o pedido.

MARGARIDA. — Fica já feito o pedido, papá: o que tem isto? Não se tem visto muita gente pedir para d'ahi a algum tempo? logo, elle pede, e papá marcará o tempo.

LEMOS. — Tu, minha filha, não comprehendes estas transacções, portanto não te mettas onde não és **chamada**... O senhor disse que quer que eu lhe marque o tempo, pois então venha no dia primeiro, é um favor: agora póde ir descansado.

PAULINO. — Neste caso, se VV. SS. me dão licença, eu me retiro: tenho muito que fazer, tenho que visitar os meus parentes.

LEMOS. — Então o senhor tem muitos, não?

PAULINO. — Nem tem conta.

LEMOS. — *(A parte.)* Então já vejo que não sou eu o unico, elle tem muitos. *(Alto.)* Pois vá tratando dos outros, depois ajustaremos as nossas contas.

PAULINO. — Neste caso eu me retiro. Minha senhora, Sr. Lemos. *Aperta a mão aos dois. Saem. Margarida retira-se para o seu quarto, e Zacarias retira-se.*

Scena VII

LEMOS, e pouco depois SIMPLICIO

LEMOS. — Felizmente fiquei livre deste.

SIMPLICIO. — *(Que tem encontrado com Paulino.)* Arre, bruto, parece que não tem olhos na cara... Da licença, senhor, olhe que é um só ou por outra, eu e eu, quero dizer, o corpo e a alma.

LEMOS. — *Baixo.* Agora mais este. *Alto.* Entre e faça-me o favor de dizer o que quer.

SIMPLICIO. — Eu lhe explico e em poucas palavras, porque eu sou muito simples. Chamo-me Sim-

plício Simplicidade Simplorio dos Simples, gosto muito das cousas simples, meu pai chamava-se Fagundes Simplicidade de Simplorio dos Simples, minha mãe chamava-se D. Pulcheria Simplicidade Simplorio dos Simples, sou eu o filho unico... Minha mãe nunca teve filhos, isto é para mostrar, até que ponto chegava a sua simplicidade... Nunca chorei a morte de um parente meu, porque foi cousa que nunca tive... O meu irmão mais velho morreu o mez passado, e então eu chorei... Cousa que nunca tive foi sobrinho; eu tirei o luto a semana passada do filho de um irmão meu... Mas agora é que eu reparo que o estou importunando com as minhas historias anthropologicas, rubicundas, etc...

LE MOS. — Incommodando, isto não, senhor, de maneira alguma. (*1.ª parte.*) Talvez este sujeito me empreste dinheiro para eu pagar ao meu cadaver.

SIMPLICIO. — Eu agora vou me explicar melhor: vou dizer o que sou... Eu sou tudo, e não sou cousa alguma ao mesmo tempo, porque tenho tentado ser tudo, e nunca consegui ser cousa alguma, eu quero ser muito simples, por isso me explico. Eu primeiro tentei escrever varias comedias, e todas fôrão pateadas, mas ainda assim não deixo de ser comediographo. Tive um jornal, mas só sahio uma vez, ainda assim não deixo de ser jornalista, não acha?... Estive aprendendo todos os instrumentos e não consegui tocar nenhum, desde o piano até o bombo, este é o meu instrumento predilecto, porque tem uma nota dó; eu cá só gosto das cousas simples.

LE MOS. — (*1.ª parte.*) Este seu simples está-me com cara de composto. (*Alto.*) Mas seu Simples... Simples de que?

SIMPLICIO. — Eu chamo-me Simplicio Simplicidade Simplorio dos Simples.

LEMOS. — Mas faça-me o favor de se explicar, porque eu ainda estou na mesma.

SIMPLICIO. — Todos quando amão uma moça pedem-lhe a mão, isto é um absurdo, outros pedem-lhe as duas mãos. Mas eu não sou desta opinião: sabe o que eu peço, senhor? Peço-lhe o pé, principalmente, se ella tem um pésinho de fada, um pésinho encantador.

LEMOS. — (*A parte.*) Pois o homem não faz das mulheres papagaio ?

SIMPLICIO. — Sim, peço-lhe o pé, que é mais original, por isso tenho a honra de pedir a sua filha em casamento... Não: tenho a honra de pedir o pé da sua filha.

LEMOS. — A um homem que não é nada na sociedade, eu dar-lhe a mão de minha filha, isto é um absurdo !

SIMPLICIO. — O senhor mente ! eu vou lhe provar como sou muita coisa na ordem das ditas. Quando assisto a um espectáculo, sou um senhor espectador: quando entro em um bond, sou um senhor passageiro: quando entro em uma loja para comprar qualquer coisa, sou um senhor freguez: quando passo por uma rua, sou um senhor transeunte: agora quanto ao dinheiro: eu não tenho juros, por falta de capital: não tenho rendimentos de casas, por falta das mesmas. Portanto veja se lhe sirvo para genro, porque sogra melhor do que o senhor eu não poderei encontrar.

LEMOS. — (*A parte.*) Vou ver se elle me empres-

ta duzentos mil réis (*alto*): sente-se e conversemos a vontade.

SIMPLICIO.— É o que eu ha muito já devia ter feito, estou com um callo me doendo; mande vir um par de chinellas. (*Tira as botinas.*)

LE MOS.— Pois não, eu vou chamar o moleque para mandar trazer. (*Gritando para dentro.*) Oh! Zacarias! Oh! Zacarias! O diabo do moleque está surdo, eu mesmo vou buscar, e pere um pouco.

SIMPLICIO.— Não precisa incomodar-se por minha causa, dê-me estes que estão ali nos seus pés e calce as minhas botinas, fica a cousa mais simples, meu adorado sogro.

LE MOS.— (*Tira as chinellas e as dá a Simplicio.*) Aqui tem, meu amigo: agora resta saber se lhe chegão.

SIMPLICIO.— Ora! Ora! Porque não hão de chegar? Isto é o menos: eu preciso me acostumar com as suas cousas; para que eu hei de comprar um par de chinellas? Não acha que é uma asneira? O senhor compra um par e serve para nós dois; veja, querido sogro, até que ponto chega a minha simplicidade, veja como eu sou um rapaz economico. Ah! esquecia-me dizer-lhe que hoje quero jantar com o senhor. Diga a sua filha que eu aqui estou á espera della, homem, ande, vá.

LE MOS.— (*Com as botinas de Simplicio.*) Eu já vou, homem, eu já vou, o diabo das botinas estão me machucando os callos, olhe, ella vem ali, eu os deixo sós. (*Sae.*)

Scena VIII

SIMPLICIO e MARGARIDA

¶ SIMPLICIO.— (*A' parte.*) Agora é atirar-se, meu Simplicio, não perder o animo : eu quando chego nestas occasiões fico tão... tão não sei como.

MARGARIDA.— O senhor procura por papai, não? Elle está lá dentro : eu vou chamal-o : desculpe termos feito o senhor esperar, mas a culpa não foi minha, foi do Zacarias.

SIMPLICIO.— Eu logo vi, minha senhora, que a culpa não podia ser de outro senão do Zacarias, o diabo do Zacarias.

MARGARIDA.— O senhor o conhece, não? O diabo sempre é muito estúpido.

SIMPLICIO.— Quem? eu, minha senhora?

MARGARIDA.— Não, o Zacarias, o moleque, mas agora eu reparo, o senhor veio de chinellas? Não, estas chinellas são de papá : fui eu mesma quem bordou, alli está uma rosa e pousada em cima della uma borboleta ; o papá dar-lhe-hia estas chinellas?

SIMPLICIO.— Não, minha senhora, emprestou-m'as. A rosa é V. Ex. e a borboleta sou eu.

MARGARIDA.— Borboleta? Ah! Ah! Ah! (*rindo.*) Tem graça, uma borboleta sem azas. O senhor deve ser um amigo de papá, mas elle nunca me apresentou o senhor, nem eu nunca o vi aqui.

SIMPLICIO.— Mas está me vendo agora, eu sou intimo amigo do senhor seu pai ; até andámos juntos na escola : eu ensinava -lhe a soletrar, e elle tinha uma cabeça dura como uma pedra, que nem a cascudos entrava lhe o *b a b a*, e para encurtar as cou-

sas eu vim pedir a seu pai o seu pé : quero V. Ex. para minha esposa, tenho o consentimento do senhor seu pai, falta agora o seu.

MARGARIDA.—Pois, meu caro senhor, póde perder as esperanças porque eu já amo a outro, ouviu? amo ao Sr. Dr. José Paulino, portanto é tempo perdido. o senhor pillhou meu pai assim e quer fazer d'aquí a casa do Queiroz.

SIMPLICIO.—Do Queiroz que paga para nós. A senhora tem muito espirito : quando fôrmos casados havemos de fazer uma comedia.

MARGARIDA.—Não sei o que espera!... Onde estão as suas botinas?

SIMPLICIO.—Nos pés do senhor seu pai, o senhor Lemos : foi só para alargal-as. *(A parte.)* E os meus cem mil réis que estavam dentro dellas, se o homem dá com elles, eu estou apertado.

MARGARIDA.—Pois então, para que as não vae buscar?... Está bom, eu mesmo vou...

SIMPLICIO.—Ora, minha senhora, não se incomode : o senhor seu pai talvez não se demore : mas diga, por favor, que me ama, sim? Se diz que não, eu me suicido : olhe que não é a primeira vez que me hei de suicidar, e a senhora depois ha de se arrepender, masserá já tarde : uma vez aconteceu isto, com uma moça, eu suicidei-me, e ella tambem.

MARGARIDA.—Ah! Ah! Ah! *(rindo.)* Que bobo, então o senhor suicidou-se?... Como é o seu nome?

SIMPLICIO.—Eu chamo-me Simplicio das Simplificidades Simplorio dos Simples.

MARGARIDA.—Que nome tão...

SIMPLICIO.—E', minha senhora, eu tenho um no-

me tão *circumsquifancio, rubicundo, panigyrico*, etc ! mas a culpa não é minha, foi de meu pai, que era um homem dos diabos para escolher um nome, pensava noite e dia, quando tinha de dar um nome a um seu filho.

MARGARIDA. — O senhor tem mais irmãos ?

SIMPLICIO. — Qual irmãos, minha senhora, eu sou o filho unico de meu pai que era um homem muito simples, e economico até alli : eu tambem sou muito economico, e quero pôr o meu sogro cá a meu geito. Olhe, elle manda fazer uma roupa que ha de o alfaiate ter tomado medida em mim e no senhor seu pai, e fará a roupa, no meio termo, que é para servir a nós dois, as botinas da mesma fórma : vá ver como as minhas lhe ficão tão bem, parecem que fôrao feitas de proposito para elle.

Scena IX

MARGARIDA, SIMPLICIO e LEMOS

LEMOS. — (*A parte: com uma botina.*) Essa agora é mais interessante ! pois este homem não faz da botina carteira ? (*Guardando o dinheiro no bolso.*) Este fica por conta. *Alto.* Oh ! senhor Simplicio ! eu sei que o senhor hoje fica para jantar connosco, não é exacto ?

SIMPLICIO. — Pois não, senhor Lemos, da melhor vontade ; e vamos cá a um negocio : quando ha de ser o nosso casamento ? eu gosto das cousas assim : mette mão, enfia dedo.

LEMOS. — Depois fallaremos sobre este assumpto : vamos para dentro. (*Sae com Simplicio.*)

Scena X

MARGARIDA, ZACARIAS e PAULINO

MARGARIDA.— Zacarias ! Zacarias !

ZACARIAS.— (*Entrando.*) Sinhásinha !

MARGARIDA.— Pois não viste, Zacarias, até onde chegou a maluquice de papai ? Quer por força que eu me case com o patife deste sujeito, e eu hei de me esquecer do meu Paulino ?... Mas se eu soubesse o que tem papai, eu com certeza o curava, tenho toda a certeza.

ZACARIAS.— Sinhá não vio este homem, que veio aqui ainda agora, é nada mais nada menos do que um *cadaver*, e não deixa um momento o *sinhô*, e o *sinhô* disse que para a gente se ver livre d'elle precisa lhe dar dinheiro, eu lhe acho, assim com uma cara de tenente coronel da guarda *nacioná*.

MARGARIDA.— (*Sentenciosa.*) Olha que é meu noivo, Zacarias, e ainda hoje fallei com elle e cada vez me tem mais amor e é um excellente rapaz.

ZACARIAS.— Eu bem estava achando que o *sinhô* não estava no seu juizo, *sinhá* Margarida : *chamá* um rapaz tão bonito de *cadaver*.

Scena XI

Os mesmos e PAULINO

PAULINO.— (*Entrando.*) Dá-me licença, querida Margarida ! O senhor seu pai já está mais decidido a dar-me a sua mão, e você, moleque, já está com a

cabeça no seu lugar? Está bom, tome isto para você.
(*Dá-lhe dois mil réis.*)

ZACARIAS.— Dois mil réis! muito obrigado, nhô-nhô Paulino, e naquillo que *quizé* é só *contá* comigo, eu cá estou prompto: sou um grande capoeira, sou *Goiamú*, o senhor não conhece este partido? Quando eu passo uma rasteira, nhãnhã Margarida, atiro nada mais nada menos do que cinco no chão, e quando não são dez. E quando eu dou um sopapo, então fica um sujeito cego para toda a sua vida: até por causa disto chamão-me o tapa olho, é como eu sou conhecido.

MARGARIDA.— Ah! sim! pois eu vou contar ao papá: quero que tu expliques isto a elle.

PAULINO.— Conforme: se tu me ajudares a convencer ao Sr. Augusto Lemos que deve-me dar a sua filha em casamento: eu casando-me com ella levo-te para meu pagem: mas vê o que vaes arranjar, vê lá se vaes embrulhar mais este negocio.

ZACARIAS.— Qual o que! eu arranjo isto da melhor maneira possivel: o senhor vae ver.

PAULINO.— Mas então você também acredita em almas do outro mundo, meu palerma?

ZACARIAS.— Eu não: foi o *sinhô*.

MARGARIDA.— Que senhor, fôste tu também (*Ouve-se passos fóra.*) Ah! vêm os dois, eu vou me esconder no meu quarto e você esconda-se naquelle e vamos ouvir a sua conversa. (*Saem todos.*)

Scena XII

SIMPLICIO e LEMOS.

SIMPLICIO.— Qual historia, senhor Lemos! Eu o que acho é que o senhor deve pregar um *calto* no

senhor Pedro Paulino, que o senhor diz que é seu credor, o senhor deve-lhe duzentos mil réis, não?

LEMOS.— Justamente, e a muito tempo; me disserão que este homem quer por força que eu lhe pague, e que ia me perseguir com a justiça: eu não conheço-o bem, porque era o senhorio de uma casa onde morámos e nunca o vi, porque elle mandava cobrar por um empregado. Uma vez me apontarão que era aquelle sujeito que o senhor encontrou quando entrava. Mas também agora tenho cem mil réis, que o meu querido futuro genro far-me-ha o obsequio de emprestar, e depois eu arran-jarei mais cem.

SIMPLICIO.— (*A parte.*) Os meus cem mil réis que estavão dentro das minhas botinas. (*Ho.*) Perdão, meu sogro, estes cem mil réis eu pedi emprestados para pagar as minhas dividas: também sou martyr dos cadaveres ou, como modernamente se diz, *cometas*; portanto não lhe posso emprestar, só lhe emprestarei quando o senhor me der o dote da sua filha: faça-me o favor de dar o meu dinheiro, os tempos estão muito bichudos, senhor Lemos: quer o senhor creia quer não, eu com estes cem mil réis vou pagar uma conta de duzentos.

LEMOS.— Sim? Como? Me conte isto.

SIMPLICIO É muito simples, ouca: eu entro no meu alfaiate, mando elle passar o recibo do que eu lhe devo, isto depois de lhe ter mostrado os meus cem mil réis: o homem vê dinheiro, fica logo muito contente e passa-me o recibo, que é de duzentos e tantos mil réis: eu pego no recibo para o examinar e de repente finjo ver na rua um meu devedor e

digo para o alfaiate. Com licença, e deito-me atraz de um typo qualquer, e este vendo-me correr atraz de si porá ceba ás canellas e zás, o alfaiate ficará sem duvida na porta a dizer com os seus botões: «elle pega» «elle pega», e mas o que eu peguei foi o recibo da minha conta, vou fazendo assim por todos e fazendo os meus com mil reis render, depois restituo-os ao seu dono.

LEMOS.— *Mirrada.* O senhor nasceu para grande cousa, meu amigo: nasceu para negociante ou então para ministro.

SIMPLICIO.— Assim disserão todos os meus parentes quando eu nasci, até meu pai quiz me mandar para Paris para estudar medicina, tinha eu então cinco annos, viuh a ser medico com doze, foi por isso que eu não quiz, pois não tinha razão: mas tenho o gosto de ser um homem honrado, o mais honrado do mundo.

ACTO QUARTO

LEMOS, SIMPLICIO, MARGARIDA, PAULINO
e ZACARIAS

PAULINO.— *Schichtado, se abrup com os outros.*
Mente! É um coelho, é um jogador de trancinha.

SIMPLICIO.— Estou descolado.

PAULINO.— Ouví a de a sua conversa, senhor Lemos, e eu não lembro, o senhor disse que devia duzentos annos ao senhor Pedro Raffino e o senhor suppoz que fôsse eu, pois engrandose, senhor Lemos, eu chamo-me Dr. José Paulino e não sou o seu credor, morren de febre amarella, e não deixou nota alguma que pudessem cobrar a seus devedores.

LEMOS.— (*Contente.*) Morreu o meu cadaver! Ora graças! estou contente.

ZACARIAS.— Então que diabo de historias são os cadaveres, não me dirão?

MARGARIDA.— São credores, que é a mesma cousa, meu palerma.

PAULINO.— É agora, senhor Lemos, eu peço a mão da senhora sua filha, e trate de pôr este pandego d'aqui para fóra.

LEMOS.— Pois não, accito, meu doutor, e você, Sr. Simplicio Simplicidade Simplorio dos Simples, ponha-se lá na rua.

PAULINO.— Eu quero provar-lhe que não sou tão máo e que um personagem de comedia deve sempre acabar bem, por isso eu lhe arranjo um emprego, accita?

SIMPLICIO.— Da melhor vontade, até lhe fico muito obrigado. (*À parte.*) Antes queria a noiva, que isto de trabalhar não é commigo. (*Alto.*) E precisando de alguma cousa tem um criado às suas ordens.

PAULINO.

Canta.

Cadaver peior não existe
Do que os que são credores.
Portanto delles fugi
Quando os virdes, senhores

LEMOS.

Morreu o meu cadaver.
Eu muito contente estou:
Este genro, que aqui vêdes,
Muito a proposito chegou.

ZACARIAS.

A nós e ao autor
Que com todo o ardor
Tentou a vós dar
Cousa a apreciar:
Venhão, pois, palmas,
Um pouco calmas,
Para não nos assustar
E isto sem tardar!

Tobes.

Venhão, pois, palmas, etc., etc.

*(Depois de cantarem, Paulino vai para junto de
Margarida e Simplicio pedir o dinheiro a Lemos.)*

CABO O PANNO

DRAMAS, COMEDIAS E SCENAS COMICAS

PUBLICADAS POR A. A. DA CRUZ COUTINHO

RIO DE JANEIRO. — RUA DE S. JOSÉ N. 76.

- Abel e Caim, com. dr. em 3 a. de M. Leal, 1\$500.
A' cata do Manuel, entre-acto comico (1 h e 1 mulher) \$500.
Actor (O) scena comica, de F. N. de Novaes, \$500.
Afilhada (A) do Barão, c. em 2 a. de M. Leal (4 h e 2 mulheres.) 1\$500.
Affronta por affronta, dr. em 1 a. de L. de Mendonça, 1\$000.
Africana (A), libreto em port. e italiano, 1\$000.
Aguentem-se no balanço, scena comica do actor Vasques, \$500.
Ah! como eu sou besta! scena comica do actor Vasques, \$500.
Aida, libreto lyrico, em 1 a. 1\$000.
Amanhã vou pedil-a, scena comica, annexa à c. Esperteza de rato, 1\$000.
Amante (O) das harmonias, scena comica, \$500.
Ambos sem calças, c. em 1 acto, 1\$000.
Amigo (O) Banana. Mais ratices do amigo Banana, scena comica, \$500.
Amor com amor se paga, comedia em 1 a. 1\$000.
Amor (O) de um padre, ou a inquisição em Roma, drama em 1 a. 2ª edição de Burgain, 1\$000.
Amor pharmaceutico, scena comica de Magalhães, \$500.
Amor e honra, drama em 2 a. (5 homens e 1 m.) 1\$000.
Anão (O) e o coreunda, farca em 1 a. (1 homens e 2 mulheres.) 1\$000.

RUA DE S. JOSÉ N. 76, RIO DE JANEIRO

- Anjo (O) da meia-noite, drama, 2\$000.
Apostolos (Os) do mal, drama, 1\$500.
Apuros (Os) de dois maridos, comedia em 2 a.
Artilheiro (O), scena comica do actor B. de Magalhães, \$500.
Artista (O), drama em 1 a. (5 homens.) 1\$000.
Arthur ou depois de 16 annos, drama, 1\$500.
Atribulações de um estudante, comedia em 1 a. (3 homens) e Uma actriz no prego, scena comica, 1\$000.
Aventuras do Sr. Ventura, scena comica, \$500.
Balthazar, ou a nuvem negra, drama de Varella, 1\$500.
Barbeiro (O) de Sevilha, libreto lyrico, 1\$000.
Beberrão (O), scena comica do Vasques, \$500.
Bengala (A), scena comica de Garrido, \$500.
Bernardo na lua, farsa em 1 a. (8 homens e 1 m.) 1\$000.
Bom (O) anjo da meia-noite, drama de Furtado Coelho, 2\$000.
Brazil (O) esmagando o Paragnay, scena comica do Vasques, \$500.
Caloteiro (O) em calças pardas, scena comica de Magalhães, \$500.
Camões e o Jão, scena comica, \$500.
Carlos o artista, drama em 1 a. 1\$000.
Chico (O) frescata, marinheiro do brigue Amisade, scena comica de Magalhães, \$500.
Chinellas, as de uma cantora, comedia em 1 a. 1\$000.
Casar ou metter freira, comedia em 1 a. de L. Mendonça, \$610.

RUA DE S. JOSÉ N. 76, RIO DE JANEIRO

- Cegueira ou bebedeira. scena comica, \$400.
Cerração no mar, scena dramatica de Dias Guimaraes, \$400.
Curar por informações, comedia em 1 a., 1\$000.
Corcunda (O) cançoneta comica, \$500.
Comi o meu amigo, comedia em 1 a. (4 homens e 1 m.), 1\$000.
Como os anjos se vingão. de. em 1 a. de Camillo Castello Branco, 1\$000.
Como se fazia um deputado. comedia de França Junior. 1\$000.
Como se perde um noivo. comedia em 1 a. (1 homem e 2 mulheres), \$640.
Condemnado (O). drama de Camillo C. Branco, 1\$500.
Costureira (A), comedia em 1 a. (2 homens e 1 m.), 1\$000.
Coelho furtado. scena comica, \$500.
Cynismo, scepticismo e creença. comedia-drama de Lacerda, em 2 a., 2\$000.
Da cá tabaco, compadre, scena comica do Vasques \$500.
Dalila. drama, 1\$000.
Defeito (O) de familia, comedia em 1 a., 1\$000.
Defensor (O) da classe caixeiral, scena comica, \$500.
Delicias (As) do fadiuho, d. e. de Magalhães. (1 h., e 1 m.) \$500.
De noite todos os gatos são pardos. comedia em 1 a. 1\$000.
Diabo (O) a quatro n'uma hospedaria, comedia em 1 a., 1\$000.